

-- CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS --**Texto 14A1-I**

A língua é o espaço que forma o escritor. Tentar compreendê-la (essa tarefa impossível) será, portanto, um bom caminho para compreender a atividade da literatura. A questão é que há tantas línguas, e isso no universo do mesmo idioma, quanto há escritores. Quando falo de língua, não me refiro apenas ao simples depósito de palavras que circulam em uma comunidade, nem a um sistema gramatical normativo às vezes mais, às vezes menos estável numa sociedade, numa estação do ano, num sexo, numa região, numa família ou em parte dela, num lugarejo, numa classe social, naquela rua, num determinado dia, num livro e quase nunca num país inteiro.

A língua em que circula o escritor jamais é uma entidade unitária. Não pode ser, em caso algum, uma ordem unida. Porque a matéria da literatura não é um sistema abstrato de regras e relações, uma análise combinatória de fonemas ou um conjunto de universais semânticos como tem sido a língua para uma corrente considerável dos cientistas da língua. Justamente por serem abstratos, justamente por serem apenas fonemas e justamente por serem universais, esses elementos primeiros são desprovidos de significado: servindo a todos, não servem a ninguém. De fato, não chegam a se constituir em “língua”, face a outra parte indispensável da palavra: o falante.

O falante, o homem que tem a palavra é, portanto, o verdadeiro território do escritor: a língua real é ele. E em que sentido ele pode ser considerado uma entidade universal? Isso interessa porque, no exato momento em que uma palavra ganha vida, na voz do falante, ela ganha também o seu limite: o pé no chão, que não é qualquer chão, o espaço, que é esse espaço, e não outro, o ar que se respira, o tempo, o dia, a hora, toda a soma das intenções muito específicas convertidas no impulso da palavra; e, é claro, a ninguém interessa o que a palavra quer dizer de velha (isso até o dicionário sabe), mas o que ela quer dizer de nova, isto é, o que é novo e surpreendente no que se diz. Esse espetáculo das vozes que falam sem parar no mundo em torno, ou nesse mundo em torno, nesse exato momento, é a vida indispensável de quem escreve. É nessa diversidade imensa e imediata que se move quem escreve, o ouvido atento.

Mas há ainda um terceiro complicador na palavra, além da sua matéria mesma e além daquele que fala. Porque, se desdobramos a palavra, descobrimos que quem lhe dá vida não é exatamente o falante. Ninguém no mundo fala sozinho. Mesmo que, numa redução ao absurdo, isso fosse possível, ou seja, uma palavra que dispensasse os outros para fazer sentido, ela seria uma palavra natimorta, um objeto opaco à espera de um criptólogo que lhe rompesse o isolamento, como um Champollion diante de uma pedra no meio do caminho, mas então a suposta pureza original autossuficiente estaria destruída.

Assim, surge outro território essencial de quem escreve: o território de quem ouve, a força da linguagem alheia, dos outros, num sentido duplo interessa tanto o que os outros nos dizem (e somos nós que damos vida a essas palavras que vêm de lá, antes mesmo de se tornarem voz), quanto o que nós dizemos (e são eles, os outros, que dão vida ao que dizemos, antes mesmo de a gente abrir a boca). Para a palavra e para tudo que significa, os outros não são uma escolha, mas parte inseparável. Mesmo solitários, de olhos e ouvidos fechados, isolados na mais remota ilha do mais remoto oceano, no fundo de uma caverna escura e silenciosa, mesmo lá ouviríamos, em cada palavra apenas sonhada, a gritaria interminável dos que nos ouvem.

Enquanto isso, é sempre bom lembrar que, nesse trançado infinito de vozes, o que trocamos não são símbolos e códigos neutros; nem sinais de computador, nem mensagens unilaterais; a vida da linguagem está no fato de que não ouvimos ou lemos apenas sons ou letras, mas desejos, medos, ordens, confissões; de que não falamos ou escrevemos sinais, mas intenções, pontos de vista, sonhos, acusações, defesas, indiferenças. Ninguém entende a linguagem como certa ou errada (exceto nos cadernos escolares), mas como verdadeira, mentirosa, bela, nojenta, comovente, delirante, horrível, ofensiva, carinhosa... É exatamente nesse pântano inseguro dos valores que se move o escritor. E é apenas nesse terreno de valores que a forma da palavra pode ganhar seu estatuto estético, a sua dignidade poética, historicamente flutuante.

A língua do escritor é uma entidade necessariamente impura, contaminada, suja de intenções, povoada previamente de muitas outras línguas (do mesmo idioma ou fora dele), de milhões de vozes. Se nessa diversidade essencial está a riqueza de quem escreve, nela também está a sua fronteira necessária, e, em última instância, a sua ética. Para formar a minha palavra, eu preciso da palavra do outro compartilhando com ela a força e o valor de origem. A palavra que eu tomo em minhas mãos, como ensina Bakhtin, não é nunca um objeto inerte: há sempre um coração alheio batendo nela, outra intenção, uma vida diferente da minha vida, com a qual eu preciso me entender. Assim, a minha liberdade de criação, a minha palavra, tem na autonomia da voz do outro o seu limite. O que parece a natureza mesma da linguagem, o seu duplo, talvez possa se transformar, para o escritor, na sua ética.

Internet: <<http://www.cristovaotezza.com.br>> (com adaptações).

Questão 21

No primeiro parágrafo do texto 14A1-I, a forma verbal em “compreendê-la” (segundo período) recebe acento circunflexo porque

- A corresponde à terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **compreender**.
- B constitui, juntamente com a forma pronominal “la”, palavra paroxítona terminada com a vogal **a**.
- C devem ser assim acentuadas todas as formas verbais com ênclise pronominal.
- D diferenciam-se pelo acento as flexões de plural e singular do verbo **compreender** na terceira pessoa do presente do indicativo.
- E é vocábulo oxítono terminado em **e** semifechado em razão da assimilação do **r** final do infinitivo **compreender** com a letra inicial da forma pronominal enclítica “la”.

Questão 22

Considere as seguintes frases.

- I “A característica comum de todos os artistas representativos é que incluem todas as espécies de tendências e correntes.” (Fernando Pessoa)
- II “Ser mestre não é de modo algum um emprego e a sua atividade se não pode aferir pelos métodos correntes.” (Agostinho da Silva)
- III “Ser pela liberdade não é apenas tirar as correntes de alguém, mas viver de forma que respeite e melhore a liberdade dos outros.” (Nelson Mandela)
- IV “Quem não se movimenta, não sente as correntes que o prendem.” (Rosa Luxemburgo)

Contêm homônimos da palavra “corrente” empregada no terceiro período do segundo parágrafo do texto 14A1-I apenas os itens

- A I e III.
- B I e IV.
- C II e IV.
- D I, II e III.
- E II, III e IV.

Questão 23

No texto 14A1-I, seria gramaticalmente correto, embora implicasse mudança de sentido, o emprego do acento grave indicativo de crase no vocábulo “a” em

- A “nessa diversidade essencial está a riqueza de quem escreve” (último parágrafo).
- B “não chegam a se constituir em ‘língua’” (segundo parágrafo).
- C “não servem a ninguém” (segundo parágrafo).
- D “mas então a suposta pureza original autossuficiente estaria destruída” (quarto parágrafo).
- E “face a outra parte indispensável da palavra: o falante” (segundo parágrafo).

Questão 24

No trecho “servindo a todos, não servem a ninguém”, do segundo parágrafo do texto 14A1-I, o emprego da vírgula tem a finalidade de

- A indicar que os sujeitos das orações são distintos.
- B marcar a elipse de um termo no período.
- C agrupar termos que exercem a mesma função sintática.
- D separar orações coordenadas assindéticas.
- E isolar a oração subordinada da oração principal.

Questão 25

No quinto parágrafo do texto 14A1-I, a forma verbal “vêm” apresenta o acento circunflexo porque

- A é um monossílabo tônico.
- B corresponde à terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo **vir**.
- C foi extinta a grafia **veem**, tendo-se substituído o hiato pelo ê.
- D está flexionada na terceira pessoa do plural do pretérito imperfeito do verbo **ver**.
- E distingue-se assim da respectiva forma no singular, que recebe acento agudo (**vém**).

Questão 26

Assinale a opção que mostra trecho do texto 14A1-I em que o emprego dos parênteses tem a finalidade de isolar uma ressalva.

- A “(essa tarefa impossível)” (primeiro parágrafo)
- B “(exceto nos cadernos escolares)” (sexto parágrafo)
- C “(isso até o dicionário sabe)” (terceiro parágrafo)
- D “(e são eles, os outros, que dão vida ao que dizemos, antes mesmo de a gente abrir a boca)” (quinto parágrafo)
- E “(do mesmo idioma ou fora dele)” (sétimo parágrafo)

Questão 27

Assinale a opção em que a palavra apresentada está grafada corretamente, de acordo com a vigente ortografia oficial da língua portuguesa.

- A antiinflamatório
- B semi-circular
- C vai-e-vem
- D autoavaliação
- E panamericano

Questão 28

Assinale a opção em que a frase apresentada está de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.

- A Vimos requerer a Vossa Excelência, nos termos regimentais da Assembleia Legislativa, a realização de audiência pública para debater a PEC n.º 108/2019, que dispõe sobre a natureza jurídica dos conselhos profissionais.
- B Analisando um conjunto de ações sobre o tema a maioria do tribunal assentou que a competência para efetuar os ajustes seria do Congresso Nacional, insuscetível de delegação ao TSE.
- C Nessa audiência pública os legisladores puderam colher informações sobre as implicações organizacional, administrativa, sócio-econômica, orçamentária e financeira que a matéria terá quanto o funcionamento das respectivas autarquias.
- D Seria inapropriado condicionar a sua efetivação aos desígnios do Congresso Nacional, cujo equilíbrio de forças poderia acabar *frustrando* o comando constitucional.
- E A solução para essa disfunção não deve passar pela relativização excessiva da presunção de não culpabilidade, admitindo-se que procedimentos inconclusos possam repercutir negativamente sobre outros em fase mais adiantada.

Questão 29

No trecho “no exato momento em que uma palavra ganha vida”, do terceiro período do terceiro parágrafo do texto 14A1-I,

- A a palavra “que” é uma conjunção que introduz o complemento do verbo **ganhar**.
- B a expressão “em que” poderia ser substituída corretamente por **o qual**.
- C a palavra “em” é uma preposição exigida pela regência do verbo **ganhar**.
- D a palavra “em” poderia ser corretamente suprimida, por ser uma partícula expletiva.
- E a expressão “em que” funciona como adjunto adverbial de tempo.

Questão 30

No segundo parágrafo do texto 14A1-I, a repetição de termos em “Justamente por serem abstratos, justamente por serem apenas fonemas e justamente por serem universais” (penúltimo período) representa

- A um recurso discursivo de que o autor lança mão para realçar a ideia de causa expressa por esse trecho.
- B a pobreza de vocabulário do autor para diversificar suas escolhas lexicais na exposição de suas ideias.
- C uma estratégia de coesão textual que o autor mobiliza para expressar noção de condição.
- D marcas típicas da oralidade e de uma modalidade informal que violam a norma padrão da língua portuguesa.
- E redundância que prejudica a coesão textual, pela exposição da mesma ideia várias vezes em um único período.

Questão 31

Assinale a opção que apresenta uma proposta de reescrita que mantém a correção gramatical e a coerência do seguinte trecho do texto 14A1-I: “um objeto opaco à espera de um criptólogo” (quarto parágrafo).

- A um objeto opaco a esperar um criptólogo
- B um objeto opaco a esperar de um criptólogo
- C um objeto opaco à esperar um criptólogo
- D um objeto opaco à espera para um criptólogo
- E um objeto opaco a espera em um criptólogo

Questão 32

Com relação às orações subordinadas adjetivas no trecho “o pé no chão, que não é qualquer chão, o espaço, que é esse espaço, e não outro, o ar que se respira”, do terceiro parágrafo do texto 14A1-I, assinale a opção correta.

- A Todas as orações adjetivas no trecho são restritivas.
- B Apenas as duas primeiras orações adjetivas no trecho são restritivas.
- C Todas as orações adjetivas no trecho são explicativas.
- D Apenas as duas últimas orações adjetivas no trecho são restritivas.
- E Apenas as duas primeiras orações adjetivas no trecho são explicativas.

Questão 33

No último período do quinto parágrafo do texto 14A1-I, o termo “Mesmo solitários” funciona como

- A predicativo do sujeito da oração principal.
- B oração subordinada adverbial concessiva.
- C adjunto adnominal do sujeito da oração principal.
- D adjunto adverbial de modo.
- E aposto do sujeito da oração principal.

Questão 34

No trecho “é sempre bom lembrar que, nesse trançado infinito de vozes, o que trocamos não são símbolos e códigos neutros”, do primeiro período do sexto parágrafo do texto 14A1-I, o verbo “lembrar”

- A introduz a oração principal.
- B funciona como sujeito oracional.
- C complementa o termo “bom”.
- D é complementado por uma oração adjetiva explicativa.
- E compõe o predicado da oração principal.

Questão 35

No trecho “ouviriámos, em cada palavra apenas sonhada, a gritaria interminável dos que nos ouvem”, do último período do quinto parágrafo do texto 14A1-I, o vocábulo “que” consiste em

- A conjunção integrante.
- B partícula expletiva.
- C pronome relativo.
- D preposição.
- E conjunção comparativa.

Questão 36

No terceiro período do primeiro parágrafo do texto 14A1-I, o vocábulo “que” está empregado com a finalidade de

- A evitar a repetição da palavra “questão”.
- B coordenar orações no período.
- C dar destaque à oração principal.
- D introduzir termo oracional com função de predicativo do sujeito.
- E iniciar uma oração adjetiva restritiva.

Questão 37

No texto 14A1-I, o vocábulo “se” constitui parte integrante do verbo no trecho

- A “o ar que se respira” (terceiro parágrafo).
- B “o que é novo e surpreendente no que se diz” (terceiro parágrafo).
- C “É nessa diversidade imensa e imediata que se move quem escreve” (terceiro parágrafo).
- D “antes mesmo de se tornarem voz” (quinto parágrafo).
- E “se desdobramos a palavra” (quarto parágrafo).

Questão 38

No terceiro parágrafo do texto 14A1-I, a forma pronominal “Isso” (terceiro período) refere-se

- A à ideia de saber em que sentido o falante “pode ser considerado uma entidade universal”.
- B ao termo “O falante”.
- C ao termo “o verdadeiro território do escritor”.
- D à oração “a língua real é ele”.
- E à conclusão estabelecida no início daquele parágrafo.

Questão 39

Cada uma das próximas opções apresenta uma proposta de reescrita para o último período do primeiro parágrafo do texto 14A1-I. Assinale a opção em que a reescrita proposta é gramaticalmente correta, especialmente quanto ao paralelismo sintático, e mantém a coerência do texto original.

- A Quando falo de língua, não menciono apenas o simples depósito de palavras que circulam numa comunidade, nem a um sistema gramatical normativo às vezes mais, às vezes menos estável numa sociedade, estação do ano, sexo, região, família ou parte dela, lugarejo, classe social, rua, dia, livro e quase nunca no país inteiro.
- B Quando falo de língua, não trato apenas do simples depósito de palavras que circulam em uma comunidade, nem de um sistema gramatical normativo às vezes mais, às vezes menos estável em uma sociedade, em uma estação do ano, em um sexo, em uma região, em uma família ou em parte dela, em um lugarejo, em uma classe social, em determinada rua, em determinado dia, em um livro e quase nunca em um país inteiro.
- C Quando falo de língua, não me reporto apenas ao simples depósito de palavras que circulam em uma comunidade, nem um sistema gramatical normativo às vezes mais, às vezes menos estável em uma sociedade, uma estação do ano, um sexo, uma região, uma família ou parte dela, um lugarejo, uma classe social, uma rua, um dia, um livro e quase nunca um país inteiro.
- D Quando falo de língua, não remeto apenas ao simples depósito de palavras que circulam numa comunidade, nem um sistema gramatical normativo às vezes mais, às vezes menos estável em uma sociedade, uma estação do ano, em um sexo, em uma região, uma família ou parte dela, em um lugarejo, em uma classe social, rua, em um dia, um livro e quase nunca um país inteiro.
- E Quando falo de língua, não aludo apenas o simples depósito de palavras que circulam numa comunidade, nem um sistema gramatical normativo às vezes mais, às vezes menos estável em uma sociedade, uma estação do ano, um sexo, uma região, uma família ou em parte dela, um lugarejo, uma classe social, uma rua, um dia, um livro e quase nunca em um país inteiro.

Questão 40

Com relação ao trecho “há sempre um coração alheio batendo nela”, do último parágrafo do texto 14A1-I, é correto afirmar que

- A o sujeito do verbo **bater** é indeterminado.
- B o termo “um coração alheio” é complemento do verbo **haver**.
- C o termo “alheio” funciona como predicativo do sujeito.
- D o sujeito do verbo **haver** classifica-se como simples.
- E o gerúndio “batendo” introduz uma oração subordinada substantiva.

Questão 41

No último período do quarto parágrafo do texto 14A1-I, as formas verbais “dispensasse” e “rompesse” expressam

- A ações no futuro do presente cuja ocorrência é iminente.
- B ações no presente que o autor deseja que ocorram.
- C ações no passado cuja ocorrência é tida como impossível pelo autor.
- D ações que ainda não aconteceram, mas que, na visão do autor, possivelmente ocorrerão.
- E ações ocorridas no passado, mas que o autor duvida que tenham realmente acontecido.

Questão 42

No sexto parágrafo do texto 14A1-I, o emprego da preposição “de”, em “de que não falamos ou escrevemos sinais”, deve-se à regência do

- A verbo “lembrar”, no início do parágrafo.
- B verbo “falamos”, no trecho mencionado.
- C substantivo “sinais”, em “sinais de computador”.
- D substantivo “fato”, em “está no fato”.
- E substantivo “vida”, em “vida da linguagem”.

Texto 14A3-I

Um homem dado a estudos de ornitologia, por nome Macedo, referiu a alguns amigos um caso tão extraordinário que ninguém lhe deu crédito. Alguns chegam a supor que Macedo virou o juízo. Eis aqui o resumo da narração.

No princípio do mês passado — disse ele —, indo por uma rua, sucedeu que um tílburí à disparada, quase me atirou ao chão. Escapei saltando para dentro de uma loja de belchior. Ia a sair, quando vi uma gaiola pendurada da porta. Não estava vazia. Dentro pulava um canário.

— Quem seria o dono execrável deste bichinho, que teve ânimo de se desfazer dele por alguns pares de níqueis?

E o canário, quedando-se em cima do poleiro, trilou isto:

— Que dono? Esse homem que aí está é meu criado, dá-me água e comida todos os dias, com tal regularidade que eu, se devesse pagar-lhe os serviços, não seria com pouco; mas os canários não pagam criados.

Pasmado das respostas, não sabia que mais admirar, se a linguagem, se as ideias. Perguntei-lhe então se tinha saudades do espaço azul e infinito...

— Mas, caro homem, trilou o canário, que quer dizer espaço azul e infinito?

— Mas, perdão, que pensas deste mundo? Que coisa é o mundo?

— O mundo, redarguiu o canário com certo ar de professor, o mundo é uma loja de belchior, com uma pequena gaiola de taquara, quadrilonga, pendente de um prego; o canário é senhor da gaiola que habita e da loja que o cerca. Fora daí, tudo é ilusão e mentira.

Nisto acordou o velho, e veio a mim arrastando os pés. Perguntou-me se queria comprar o canário. Indaguei se o adquirira, como o resto dos objetos que vendia, e soube que sim. Paguei-lhe o preço, mandei comprar uma gaiola e ordenei que a pusessem na varanda da minha casa, de onde o passarinho podia ver o jardim e um pouco do céu azul. Era meu intuito fazer um longo estudo do fenômeno, sem dizer nada a ninguém, até poder assombrar o século com a minha extraordinária descoberta.

Três semanas depois da entrada do canário em minha casa, pedi-lhe que me repetisse a definição do mundo.

— O mundo, respondeu ele, é um jardim assaz largo com repuxo no meio, flores e arbustos, alguma grama, ar claro e um pouco de azul por cima; o canário, dono do mundo, habita uma gaiola vasta, branca e circular, donde mira o resto. Tudo o mais é ilusão e mentira.

Um sábado amanheci enfermo, a cabeça e a espinha doíam-me. O médico ordenou absoluto repouso. Assim fiquei cinco dias; no sexto levantei-me, e só então soube que o canário, estando o criado a tratar dele, fugira da gaiola.

Padeci muito. Tinha já recolhido as notas para compor a memória, ainda que truncada e incompleta, quando me sucedeu visitar um amigo, que ocupa uma das mais belas e grandes chácaras dos arrabaldes. Passeávamos nela antes de jantar, quando ouvi trilar esta pergunta:

— Viva, sr. Macedo, por onde tem andado que desapareceu?

Era o canário; estava no galho de uma árvore. Falei ao canário com ternura, pedi-lhe que viesse continuar a conversação, naquele nosso mundo composto de um jardim e repuxo, varanda e gaiola branca e circular...

— Que mundo? Tu não perdes os maus costumes de professor. O mundo, concluiu solenemente, é um espaço infinito e azul, com o sol por cima.

Indignado, retorqui-lhe que, se eu lhe desse crédito, o mundo era tudo; até já fora uma loja de belchior...

— De belchior? trilou ele às bandeiras despregadas. Mas há mesmo lojas de belchior?

Machado de Assis. *Ideias do Canário*. In: 50 contos de Machados de Assis selecionados por John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

Questão 43

Os desdobramentos da narrativa apresentada no texto 14A3-I são impulsionados essencialmente pelo fato de o pássaro

- A compreender as limitações do Sr. Macedo.
- B mudar sua perspectiva social.
- C ser demasiadamente inteligente.
- D ser subestimado pelo Sr. Macedo.
- E utilizar ironia para interpelar o Sr. Macedo.

Questão 44

É correto afirmar que há uma relação direta do texto 14A3-I com o gênero textual

- A notícia.
- B relato.
- C sermão.
- D saga.
- E anedota.

Questão 45

Infer-se do texto 14A3-I que a expressão “loja de belchior” corresponde a uma loja de

- A mercadorias usadas.
- B livros usados.
- C discos usados.
- D pássaros raros.
- E relíquias.

Questão 46

Infer-se do texto 14A3-I que, ao narrar a história do canário aos amigos, o Sr. Macedo valeu-se de um discurso

- A dialógico.
- B expositivo.
- C didático.
- D reflexivo.
- E explanatório.

Questão 47

Nos trechos “Mas, caro homem, trilou o canário, que quer dizer espaço azul e infinito?” e “Mas, perdão, que pensas deste mundo?” (sétimo e oitavo parágrafos do texto 14A3-I), o termo “mas”, respectivamente,

- A acrescenta um comentário do canário e contrasta uma interpretação do canário.
- B introduz uma réplica do canário e introduz uma réplica do homem.
- C acrescenta um comentário do canário e introduz uma réplica do homem.
- D indica uma interpelação do canário e sinaliza uma mudança de assunto feita pelo homem.
- E introduz uma réplica do canário e sinaliza uma mudança de assunto feita pelo homem.

Questão 48

No trecho “Quem seria o dono execrável deste bichinho, que teve ânimo de se desfazer dele por alguns pares de níqueis?” (terceiro parágrafo do texto 14A3-I), a forma pronominal presente na contração “deste” foi empregada para

- A localizar o substantivo mais próximo com relação a outros substantivos presentes no período.
- B marcar o tempo presente ou o mais recente.
- C enfatizar a ideia de que havia um animal entre os objetos do belchior.
- D fazer menção ao que havia na frente, perto do narrador.
- E chamar a atenção do leitor para algo mais presente, embora já conhecido, em confronto com outras coisas da loja.

Questão 49

No texto 14A3-I, ao narrar sua história, o Sr. Macedo

- A centra-se em um conflito pessoal.
- B ocupa-se da metaforização de fatos.
- C divaga sobre uma questão não resolvida.
- D foca em sensibilizar usando tom dramático.
- E opera com a teatralização de uma realidade.

Questão 50

As especificidades do conto de Machado de Assis criam uma atmosfera em que predomina

- A o viés romântico.
- B o humor cáustico.
- C a ironia fina.
- D a tendência hilariante.
- E o tom sarcástico.

Questão 51

Para o narrador do texto 14A3-I, a história contada é

- A hilária.
- B decepcionante.
- C corriqueira.
- D incômoda.
- E inacreditável.

Texto 14A3-II

Tenho argumentado que os grupos sociais estruturais não devem ser pensados de acordo com uma lógica substancial, que os definiria segundo um conjunto de atributos que seriam comuns a todos os seus membros e constituiriam suas identidades, mas a partir de uma lógica mais relacional, em que os indivíduos seriam compreendidos como posicionados nas estruturas dos grupos sociais, sem que estas determinassem suas identidades.

Contrariamente àqueles que consideram que políticas de diferenciação de grupos apenas criam divisões e conflitos, argumento que a diferenciação de grupos propicia recursos para um público democrático comunicativo que visa estabelecer a justiça, uma vez que pessoas diferentemente posicionadas têm diferentes experiências, histórias e compreensões sociais, derivadas daquele posicionamento. A isso chamo perspectiva social.

Conforme suas posições sociais, as pessoas estão sintonizadas com determinados tipos de significados e relacionamentos sociais, com os quais outras pessoas estão menos sintonizadas. Eventualmente, estas últimas não estão posicionadas nem sequer de forma a ter consciência deles. A partir das suas posições sociais, as pessoas têm compreensões diferenciadas dos eventos sociais e de suas consequências. Uma vez que suas posições sociais derivam parcialmente das construções que outras pessoas fazem delas, assim como das construções que elas fazem de outras pessoas em diferentes posições, pessoas diferentemente posicionadas podem interpretar de modos diferentes o significado de ações, eventos, regras e estruturas.

Cada perspectiva social é particular e parcial com relação ao campo social em seu todo, e, a partir de cada perspectiva, alguns aspectos da realidade dos processos sociais são mais visíveis que outros. Assim, uma perspectiva social não comporta um conteúdo específico determinado. Nesse sentido, a perspectiva difere do interesse e da opinião. A perspectiva social consiste em um conjunto de questões, experiências e pressupostos mediante os quais mais propriamente se iniciam raciocínios do que se extraem conclusões. A perspectiva é um modo de olhar os processos sociais sem determinar o que se vê. Dessa forma, duas pessoas podem compartilhar uma perspectiva social e, não obstante, experienciar seus posicionamentos de maneiras diferentes, na medida em que estão voltadas a diferentes aspectos da sociedade.

Iris Marion Young. *Representação política, identidade e minorias*.
Internet: <www.scielo.br> (com adaptações).

Questão 52

Conforme as ideias do texto 14A3-II, na análise dos grupos sociais, devem ser consideradas as

- A lógicas básicas que regulam os membros da estrutura.
- B posições dos membros na estrutura.
- C características comuns aos membros da estrutura.
- D identidades dos membros da estrutura.
- E características específicas da própria estrutura.

Questão 53

No texto 14A3-II, a autora posiciona-se contra a ideia de que

- A “os grupos sociais estruturais não devem ser pensados de acordo com uma lógica substancial” (primeiro parágrafo).
- B “políticas de diferenciação de grupos apenas criam divisões e conflitos” (segundo parágrafo).
- C pessoas menos sintonizadas com determinados tipos de significados e relacionamentos sociais “não estão posicionadas nem sequer de forma a ter consciência deles” (terceiro parágrafo).
- D duas pessoas que compartilhem uma perspectiva social podem “experienciar seus posicionamentos de maneiras diferentes” (último parágrafo).
- E “uma perspectiva social não comporta um conteúdo específico determinado” (quarto parágrafo).

Questão 54

Cada uma das opções a seguir apresenta uma proposta de reescrita para o primeiro período do segundo parágrafo do texto 14A3-II. Assinale a opção em que a reescrita proposta mantém os sentidos originais do texto.

- A Diferentemente daqueles que acham que políticas de diferenciação de grupos criam divisões e conflitos, defendo que a diferenciação de grupos propicia recursos para um público democrático comunicativo, o qual visa estabelecer a justiça, pois pessoas em diferentes posições têm diferentes experiências, histórias e compreensões sociais, derivadas do posicionamento.
- B Ao contrário dos que acreditam que políticas de diferenciação de grupos criam exclusivamente divisões e conflitos, assevero que a diferenciação de grupos propicia recursos para um público democrático comunicativo, a qual visa estabelecer a justiça, eis que pessoas diferentemente posicionadas têm diferentes experiências, histórias e compreensões sociais, derivadas daquele posicionamento.
- C Ao passo que apenas aqueles julgam que políticas de diferenciação de grupos criam divisões e conflitos, argumento que diferenciação de grupos oferece recursos para um público democrático comunicativo, visando estabelecer a justiça, posto que pessoas diferentemente posicionadas têm diferentes experiências, histórias e compreensões sociais derivadas daquele posicionamento.
- D Àqueles que pensam que políticas de diferenciação de grupos somente criam divisões e conflitos, objeto que a diferenciação de grupos proporciona recursos para um público democrático comunicativo que busca estabelecer a justiça, já que pessoas diferentemente posicionadas têm diferentes experiências, histórias e compreensões sociais, derivadas daquele posicionamento.
- E Para aqueles que consideram que políticas de diferenciação de grupos criam unicamente divisões e conflitos, argumento que diferenciação de grupos assegura recursos para um público democrático comunicativo, visando estabelecer a justiça, tendo em vista pessoas diferentemente posicionadas que têm diferentes experiências, histórias e compreensões sociais, derivadas daquele posicionamento.

Questão 55

Sem alteração dos sentidos do texto 14A3-II, a locução “na medida em que” (final do último parágrafo) poderia ser corretamente substituída por

- A visto que.
- B enquanto que.
- C tendo em vista que.
- D à proporção que.
- E haja visto que.

Questão 56

No terceiro parágrafo do texto 14A3-II, o trecho “Uma vez que suas posições sociais derivam parcialmente das construções que outras pessoas fazem delas, assim como das construções que elas fazem de outras pessoas em diferentes posições” caracteriza-se, no contexto do desenvolvimento da argumentação, como

- A um palpite.
- B uma premissa.
- C uma suposição.
- D uma impressão.
- E um pressentimento.

Texto 14A3-III

Eu sou uma contadora de histórias e gostaria de contar a vocês algumas histórias pessoais sobre o que eu gosto de chamar “o perigo de uma única história”. Eu fui uma leitora precoce. E o que eu lia eram livros infantis britânicos e americanos. Eu fui também uma escritora precoce. E, quando comecei a escrever, eu escrevia exatamente os tipos de histórias que eu lia. Todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis. A meu ver, o que isso demonstra é como nós somos impressionáveis e vulneráveis em face de uma história, principalmente quando somos crianças. Bem, as coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos. Então o que a descoberta dos escritores africanos fez por mim foi: salvou-me de ter uma única história sobre o que os livros são. Anos mais tarde, pensei nisso quando deixei a Nigéria para cursar universidade nos Estados Unidos. Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou se podia ouvir o que ela chamou de minha “música tribal” e, conseqüentemente, ficou muito desapontada quando eu toquei minha fita da Mariah Carey! Minha colega de quarto tinha uma única história sobre a África. Uma única história de catástrofe. Nessa única história não havia possibilidade de os africanos serem iguais a ela, de jeito nenhum. Então, após ter passado vários anos nos Estados Unidos como uma africana, eu comecei a entender a reação de minha colega para comigo. Se eu não tivesse crescido na Nigéria, e se tudo que eu conhecesse sobre a África viesse das imagens populares, eu também pensaria que a África era um lugar de lindas paisagens, lindos animais e pessoas incompreensíveis, lutando em guerras sem sentido, morrendo de pobreza e AIDS, incapazes de falar por eles mesmos e esperando serem salvos por um estrangeiro branco e gentil. É assim, pois, que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão. É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazer a história definitiva daquela pessoa. Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano, e não com a criação colonial do estado africano, e você tem uma história totalmente diferente. Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida. Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso.

Chimamanda Ngozi Adichie. *O perigo de uma história única*. Julia Romeu (Trad.). 1.ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019 (com adaptações).

Questão 57

Infere-se do texto 14A3-III que o que deixou a autora atenta ao perigo de uma única história foi o fato de ela ter

- A lido livros de escritores africanos.
- B entendido o poder das narrativas.
- C crescido na Nigéria.
- D passado vários anos nos Estados Unidos.
- E convivido com uma colega americana.

Questão 58

Quanto à tipologia textual, predominam no texto 14A3-III os tipos

- A narrativo e descritivo.
- B narrativo e argumentativo.
- C argumentativo e instrucional.
- D explicativo e descritivo.
- E explicativo e instrucional.

Questão 59

No trecho “Minha colega de quarto tinha uma única história sobre a África (...) se tudo que eu conhecesse sobre a África viesse das imagens populares, eu também pensaria que a África era um lugar de lindas paisagens, lindos animais e pessoas incompreensíveis, lutando em guerras sem sentido, morrendo de pobreza e AIDS, incapazes de falar por eles mesmos e esperando serem salvos por um estrangeiro branco e gentil”, do texto 14A3-III, a autora ressalta que, acerca da África, persiste uma única história resultante da concepção desse continente como um local

- A pitoresco.
- B exótico.
- C contraditório.
- D estereotipado.
- E fantasioso.

Questão 60

No trecho “É assim, pois, que se cria uma única história”, do texto 14A3-III, o vocábulo “pois” expressa o sentido de

- A explicação.
- B exemplificação.
- C conformação.
- D correlação.
- E conclusão.

Questão 61

No que se refere à construção da referência, aos sentidos e aos aspectos linguísticos do texto 14A3-III, julgue os itens a seguir.

- I Seriam mantidos os sentidos originais e a correção gramatical do trecho “incapazes de falar por eles mesmos” caso o vocábulo “mesmos” fosse substituído por **próprios**.
- II No trecho “Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo”, o vocábulo “chocada” está empregado no mesmo sentido de **apavorada**.
- III Caso, no trecho “Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazer a história definitiva daquela pessoa”, a sequência “não só” fosse deslocada para imediatamente após “habilidade” — escrevendo-se **Poder é a habilidade não só de contar a história de uma outra pessoa, mas de fazer a história definitiva daquela pessoa** —, o sentido original do texto seria alterado.
- IV A reiteração do vocábulo **história** ao longo do texto 14A3-III constitui estratégia que contribui para a progressão referencial do texto.
- V A expressão “um tipo de paraíso”, no último período do texto, é hiperônimo da expressão “estado africano”, presente no trecho “criação colonial do estado africano”.

Assinale a opção correta.

- A Apenas o item II está certo.
- B Apenas os itens I e IV estão certos.
- C Apenas os itens II e V estão certos.
- D Apenas os itens III e V estão certos.
- E Apenas os itens I, III e IV estão certos.

Questão 62

No trecho “Bem, as coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos”, do texto 14A3-III, o termo “Bem”

- A introduz uma mudança de perspectiva por parte da autora.
- B expressa ironia quanto à informação apresentada no trecho “Todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis”.
- C expressa satisfação da autora quanto à descoberta de escritores africanos.
- D expressa a noção de modo, qualificando a forma verbal “mudaram”.
- E introduz um resumo das informações apresentadas nos sete primeiros períodos do texto.

Questão 63

De acordo com o **Manual de Redação da Presidência da República** (3.ª edição), a clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial, sendo considerado claro o texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. Nesse sentido, recomenda-se, como forma de alcançar a clareza em texto oficial, o emprego de

- A orações em ordem indireta, o que aumenta a formalidade do texto.
- B tempos verbais variados, a fim de evitar a repetição de um mesmo tempo verbal.
- C períodos longos, desde que as orações que o constituam estejam em ordem direta.
- D regionalismos, para adequar o texto à região a que ele se destina.
- E palavras em seu sentido comum, salvo em exceções do contexto de produção.

Questão 64

Assinale a opção correta, a respeito do uso de pronomes de tratamento em textos oficiais, de acordo com o **Manual de Redação da Presidência da República** (3.ª edição).

- A Pronomes de tratamento podem ser abreviados no corpo do texto, mas não no vocativo.
- B Em um mesmo texto, podem ser utilizados diferentes pronomes de tratamento em referência a um mesmo destinatário.
- C Como se referem à segunda pessoa gramatical, pronomes de tratamento levam a concordância do verbo também para a segunda pessoa.
- D Os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento devem ser sempre os de segunda pessoa.
- E Adjetivo que se refira a pronome de tratamento deve ser flexionado no gênero feminino, visto que deve concordar com o substantivo que compõe a locução.

Questão 65

A respeito do padrão ofício, assinale a opção correta, conforme o **Manual de Redação da Presidência da República** (3.ª edição).

- A É facultativa a indicação do local e da data do documento em caso de ofício que se destine a seção interna do órgão que o expedir.
- B O título do ofício consiste em uma breve descrição do assunto do documento; no entanto, a palavra **Assunto** não deve constar desse título.
- C O fecho é elemento necessário em caso de ofício enviado para outros órgãos, mas dispensável em caso de comunicação interna.
- D O cabeçalho é utilizado apenas na primeira página do documento, centralizado na área determinada pela formatação.
- E Deve-se utilizar estrutura fixa na construção do ofício, com introdução, desenvolvimento e conclusão, independentemente do objetivo do texto.

Questão 66

De acordo com o **Manual de Redação da Presidência da República** (3.^a edição), a objetividade, um dos atributos de textos oficiais, pode ser alcançada por meio da

- A hierarquização das ideias, sendo recomendável identificar as ideias fundamentais e as secundárias e eliminar as secundárias que não acrescentem informação alguma ao texto.
- eliminação de informações que consistam apenas no detalhamento de ideias, embora seja recomendável a repetição de vocábulos caso seja necessário enfatizar o assunto principal do texto.
- exclusão de exemplos, uma vez que o emprego destes torna a leitura do texto cansativa, apesar de poder contribuir para a argumentação desenvolvida.
- impessoalidade da linguagem, que facilita a compreensão do conteúdo veiculado no expediente oficial, apesar de serem admitidas interferências eventuais da individualidade de quem elabora o texto.
- concisão do texto, devendo-se suprimir a prolixidade e a delicadeza e utilizar o mínimo de palavras para transmitir o máximo de informações.

Questão 67

A respeito do gênero *email* como documento oficial, assinale a opção correta, de acordo com o **Manual de Redação da Presidência da República** (3.^a edição).

- Em se tratando de *emails* que abordem conteúdos sensíveis, é obrigatório o uso do recurso de confirmação de leitura, sob pena de advertência.
- Por se tratar de gênero textual mais flexível que os demais gêneros textuais oficiais, admite-se em *emails* o emprego de linguagem informal, desde que isso ocorra de forma pontual.
- Para que o *email* tenha valor documental, ou seja, para que possa ser aceito como documento original, é necessário haver certificação digital que ateste a identidade do remetente.
- O *email* deve apresentar a mesma estrutura do ofício, a fim de se obter a padronização dos expedientes oficiais.
- Para tornar o texto mais conciso, recomenda-se o uso de abreviações e neologismos em *emails*, devendo-se evitar a linguagem coloquial.

Questão 68

A respeito de formatação e de aspectos gramaticais na redação oficial, assinale a opção correta, de acordo com o **Manual de Redação da Presidência da República** (3.^a edição).

- Em títulos de publicações, como livros e revistas, deve-se empregar negrito.
- O uso de parênteses é preferível ao uso de travessões, embora ambos os sinais possam ser utilizados nos mesmos contextos sintáticos.
- A fim de se obter a devida uniformização dos textos oficiais, deve-se empregar itálico em todas as palavras que não pertençam à língua portuguesa ou que sejam de formação híbrida, ainda que sejam de uso corriqueiro.
- O uso de negrito para destaque em textos oficiais deve ser evitado, uma vez que tal emprego pode poluir a página visualmente.
- O uso de siglas e acrônimos, ainda que possível, não deve ser feito de forma indiscriminada, recomendando-se, em caso de atos normativos, desprezar as formas popularizadas que não estejam previstas em dispositivo legal.

Questão 69

O **Manual de Redação da Presidência da República** (3.^a edição) elenca uma série de expressões a evitar e expressões de uso recomendável em textos oficiais. Com relação a esse assunto, julgue os itens a seguir, de acordo com o referido manual.

- I O emprego da expressão **o mesmo** no lugar de pronome pessoal é aceitável em textos oficiais: como há divergência entre os gramáticos a respeito do uso dessa expressão nesses contextos, seu emprego não pode ser considerado inadequado.
- Tanto a expressão **ao passo que** quanto a expressão **enquanto que**, quando veiculam sentido de proporcionalidade, são aceitáveis em textos oficiais, podendo ser empregadas de modo intercambiável.
- É impróprio o uso da expressão **junto a** na frase **Declarou junto à Receita Federal do Brasil**.
- Deve-se evitar a ocorrência de cacófatos a todo custo em textos oficiais, uma vez que esse tipo de ocorrência pode gerar leituras maliciosas indesejáveis.
- Por se tratar de neologismos, é vedado o emprego dos verbos **objetivar** (no sentido de **tornar objetivo**) e **operacionalizar**, recomendando-se a substituição destes por sinônimos como **materializar** e **executar**, respectivamente.

Assinale a opção correta.

- Apenas o item III está certo.
- Apenas os itens I e II estão certos.
- Apenas os itens III e V estão certos.
- Apenas os itens IV e V estão certos.
- Apenas os itens I, II e IV estão certos.

Questão 70

A respeito das orientações para a elaboração de atos normativos, que em geral se organizam em torno de artigos, assinale a opção correta, conforme o **Manual de Redação da Presidência da República** (3.^a edição).

- Quando o assunto requerer discriminações, o *caput* do artigo deverá conter o enunciado e os elementos de discriminação.
- As alíneas são desdobramentos dos parágrafos, que, por sua vez, são desdobramentos dos incisos.
- Os incisos têm o mesmo objetivo dos parágrafos, e a presença de uma divisão ou de outra depende do produtor do ato.
- Os parágrafos, em determinados casos, podem substituir os artigos, de acordo com a amplitude do assunto.
- Os artigos, até o nono, são numerados de forma ordinal e, a partir do décimo, de forma cardinal; na hipótese de haver apenas um parágrafo, não se adota a grafia **§ único**.

Espaço livre